

Funaro defenderá no FMI que

segunda-feira, 6/4/87 □ 1º caderno □ 17

dívida é questão política

São Paulo — O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, segue hoje à noite para os Estados Unidos, onde inicia quarta-feira, em Washington, sua participação na reunião do comitê interino do Fundo Monetário Internacional, que se prolonga até sexta-feira. Funaro considera “excelente” que tenha sido incluída na pauta da reunião a tese brasileira de que a dívida externa “é uma questão política”.

Os países credores têm a mesma responsabilidade na resolução do problema do endividamento das nações em desenvolvimento, considera Funaro, que viaja satisfeito com o respaldo que recebeu das principais lideranças empresariais do Brasil, na sexta-feira passada, na casa do presidente da Gradiente, Eugênio Staub. Esse apoio deixou Funaro mais otimista.

O ministro fará escala em Nova Iorque, onde amanhã terá compromissos de diferentes tipos: duas palestras em agências de desenvolvimento e contatos com dois ou três banqueiros credores do Brasil. Mas, antes de embarcar para os Estados Unidos, Funaro deverá passar o dia de hoje, em Brasília, discutindo com assessores os detalhes finais da estratégia de renegociação da dívida externa.

A margem da reunião do comitê do FMI, Funaro terá oportunidade rara de testar a aceitação das propostas brasileiras

— entre as quais um acordo plurianual, com redução dos juros e **spreads** (taxas de risco), garantias de fluxo de dinheiro novo e conversão de parte da dívida em investimentos no Brasil. Esse teste será feito nos contatos que terá com os ministros de Finanças dos países desenvolvidos, presentes à reunião.

Ele deverá saber então o que pensam agora seus ilustres colegas das sugestões — que lhes apresentou em seu recente périplo mundial, logo após a decretação da moratória, com o objetivo de explicar a medida e pedir a compreensão dos governos credores.

Apesar do interesse brasileiro em que mais instituições financeiras estrangeiras sigam o exemplo do Banco de Montreal, que se propõe em transformar parte do seu haver no Brasil em investimentos de risco, Dilson Funaro acredita que a medida pode “ser boa ou perigosa ao mesmo tempo”.

— Se não a negociarmos com prudência — alertou — no final das contas o país terá gasto a mesma coisa se optasse pelo pagamento da dívida da maneira tradicional, pois haveria uma transferência de dividendos muito grande. Em suma, mais do que nunca, o país precisa ter muito cuidado com o seu fluxo de caixa, agora e no futuro — daí a estratégia da equipe econômica incluir com prioridade a negociação de um acordo plurianual.